



FILGUEIRAS LIMA¹

“Belle et glorieuse France, patrie de mon esprit, doux esprit de la terre, je te salue à genoux, avec la piété d’un fils qui t’aime de tout son coeur et de toute son âme!” (Antônio Sales, *“Salut à la France”*, 1942).

Quando Filgueiras Lima lançou, aos vinte e três anos de idade, com grande sucesso, seu livro de estréia *FESTA DE RITMOS*, menção honrosa de poesias da Academia Brasileira de Letras, em fins de 1932, o nosso então presidente da Academia Cearense de Letras, Antônio Sales, saudou tal acontecimento literário pelas páginas de *O Povo*, num artigo datado de 21 de janeiro de 1933.

Meses depois Antônio Sales partia para o Rio e Minas Gerais e ao regressar a esta capital, em maio de 1934, se surpreende com a campanha promovida pela intelectualidade cearense em prol de sua candidatura a uma das quatro vagas à Casa de Machado de Assis. O poeta de Lavras da Mangabeira, defensor entusiasta da idéia de ver o nosso Sales sentado no Petit Trianon, considerava-a uma dupla vitória, tanto sobre a modéstia do cantor de *MINHA TERRA*, quanto sobre a materialidade da hora presente. E confessava: *“Prende-me ao fascinante poeta e romancista, de muito já, uma sólida estima espiritual-flor que nós ambos cultivamos com o zelo e o carinho de jardineiros do coração”*.

Ambos Antônio Sales, o nosso Sales, num artigo em que fez desfilar a série imensa de *OS MEUS XARÁS*,² não se esquecera do mais novo Antônio, na época com vinte e sete anos de idade, comentando: *“E aqui lhes apresento o Benjamim da tribo antonina dos poetas cearenses, Antônio Filgueiras Lima, autor vitorioso da Festa de Ritmos e que se preparou para aumentar seu justo renome com um novo livro, onde há coisas admiráveis”*.

Amigo de todos os momentos, esteve Filgueiras Lima ligado às homenagens tributadas ao casal Sales quando do transcurso de seu quadragésimo quarto aniversário de casamento.

Apesar da grande diferença de idade entre ambos, Antônio Sales respeitava o amigo como poeta, comparando-o a *“uma ave canora de áureas plumas”*. E como estávamos no dia maior da cristandade e outra coisa não lhe podendo ofertar, manda-lhe o *O NATAL DO POETA*:

*"Filgueiras Lima,
coisa dificultosa
é saudar teu Natal em verso e rima!
A tua Musa, que é um gênio alado,
andou voejando em derredor dos ninhos,
com o fim premeditado
de aprender harmonia
com a voz dos passarinhos.
E tais progressos fez que agora
se transformou na ave mais canora
de quantas cantam ao romper do dia!
Assim, querendo te saudar, eu fico
com o receio fundado
de versejar em tom desafinado. . .
Não será bem melhor que eu cale o bico?
Tu és mestre dos ritmos em festa,³
das canções que ressoam da floresta
no penetral mais denso,
e tua Musa — uma ave de áureas plumas —
rompendo a gaze das etéreas brumas,
canta entre as rosas do Jardim Suspenso.⁴
Lá do sertão formoso, em que nasceste⁵
e donde, como um pássaro migrante,
rumaste um dia ao mar, tu nos vieste
trazendo n'alma toda a melodia
da selva perfumosa e sussurrante
que para o céu com os ramos seus braceja,
toda a doce poesia
que se exala da terra sertaneja
como um suave e cálido perfume. . .
Mas é tempo de mais que eu fique mudo.
Poeta, eu te saúdo!"*

Em julho de 1938 Antônio Sales viu publicado seu RETRATOS E LEMBRANÇAS, reminiscências literárias e Filgueiras Lima não podendo emudecer diante dessa bela obra de seu amigo, escrevera a crônica UM LIVRO E UM HOMEM. E mais ainda: no final desse ano, quando a Casa de Juvenal Galeno reunia a inteligência cearense para homenagear a edição dessas memórias, ainda Filgueiras Lima recita, nessa oportunidade, NA FESTA DE UM POETA, e que vale aqui recordarmos:

*"Transformo o meu verso em cálix,
para beber, com alegria,
o vinho da Fantasia
na festa de Antônio Sales.*

*Este apóstolo de Elêusis
construiu um monumento
de beleza e pensamento
que encantou os próprios deuses . . .*

*Como Goethe, aproveitemos
essa idéia arquitetônica
que nada tem de platônica
— e o monumento estudemos.*

*Na base, que só ouro encerra
e é o próprio solo combusto,
acha-se o livro venusto
e grande — que é Minha Terra.*

*Mas na gleba em combustão
que reflameja e rutila
um bronze irrompe da argila:
as Aves de Arribação.*

*No alto — pássaros dispersos
de uma altívola coorte —
passam as Trovas do Norte,
cantam os Versos Diversos.*

*Ó Musa, se não te cansas,
subamos mais alto ainda!
Na esfera azulada e linda
vê: Retratos e Lembranças.*

*São rosas (vamos colhê-las!)
que vêm do céu em cascata,
como um chuveiro de prata,
como um punhado de estrelas.*

*E pelos montes e vales
fulgores mil espalhando
vão, em luz, perpetuando
a glória de Antônio Sales!”*

Estamos em 1940 e Filgueiras Lima⁶ acompanha todos os últimos momentos de seu grande amigo. Copia-lhe uma quadrinha por ele ditada já em seu leito de sofrimento. Acompanha-o até a sua última morada e lá deixa a coroa de saudades.

E fortemente amargurado pela ausência do conselheiro escreve este soneto, Pássaro Morto, cujos tercetos finais exprimem saudade e esperança:

*“Emudeceste, poeta, em plena glória.
(Da ave que tomba, após mágoas e prantos,
não resta, ao menos pálida memória.)*

*Deste silêncio a história te redime,
porque ao futuro teus eternos cantos
dirão teu nome, Pássaro sublime!"*

NÓTULAS

- ¹ Antônio Filgueiras Lima nasceu em Lavras da Mangabeira a 21 de maio de 1909. Com Festa de Ritmos mereceu a Menção Honrosa de Poesias da Academia Brasileira de Letras em 1932. A 21 de outubro de 1937 nascia-lhe o filho Rui e o nosso Antônio Sales, como presente de Natal, oferecia ao vaidoso pai estas oito quadras marcando o feliz acontecimento:

O Rui

(ao Filgueiras Lima)

"Eu, que premiado não fui
com o dom da paternidade
não tenho capacidade
para falar do teu Rui.

Mas vejo que este menino,
tão pequeno e tão galante,
é um sol que doira o destino
de tua vida triunfante.

A Musa, a quem tanto estimas,
terá mais inspiração;
ele trará novas rimas
às trovas do coração.

Não passes noites de insônia
o seu futuro a prever:
filho teu e da Amazônia
bom, com certeza, há de ser.

Cartomante ou quiromante
não sou; mas minh'alma diz
que o bom fado deste infante
é ser grande e ser feliz.

Ao seu torrão dará lustre,
talento e fama terá;
será mais um nobre ilustre
entre as glórias do Ceará.

Tu não viste, mas eu creio
que quando o Rui a luz viu,
uma boa fada veio
e de bênçãos o cobriu.

Tu lhe deste um grande nome,
e o meu desejo melhor
é que o Rui a sério o tome
e o faça ainda maior."

(25 dez 1937)

- 2 Antônio Sales, numa crônica publicada em O Povo e datada de 18 de fevereiro de 1938, se refere a dois xarás seus, um de Acaraú, Antônio Sales, cotado para interventor daquele município e que vinha escrevendo artigos em O Estado, outro, de Fortaleza mesmo, Antônio Sales, dono de um armazém de exportação, o que obrigava o nosso romancista ao incômodo de devolver telegramas e cartas comerciais ao seu legítimo destinatário.
- 3 Um jogo de palavras lembrando Festa de Ritmos (1932). Este livro teve capa e vinhetas do poeta Otacílio de Azevedo.
- 4 Jardim Suspenso, poesias publicadas em 1966.
- 5 Lavras da Mangabeira.
- 6 O Ceará, em 1932, arrancou três menções honrosas nos Concursos Literários promovidos pela Academia Brasileira de Letras. O de Poesia, com Filgueiras Lima; o de Romance, com "Garimpos" de Herman Lima e o de Contos e Fantasias com "Quarta-Feira de Cinzas" de Martins d'Alvarez.